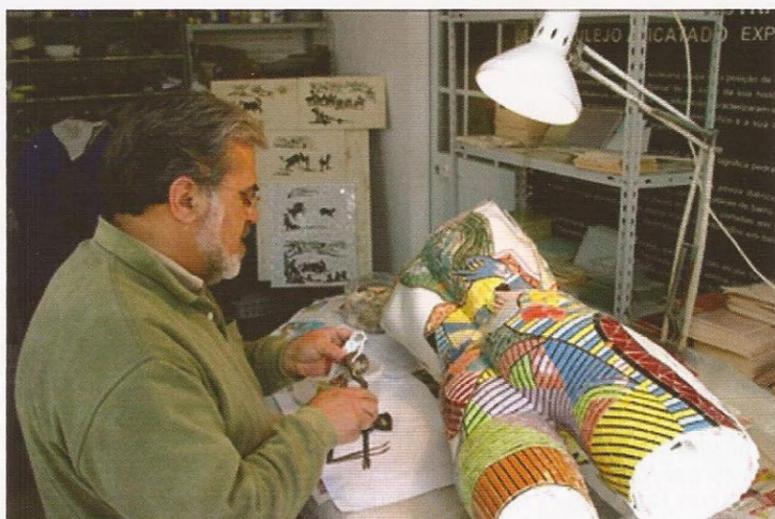
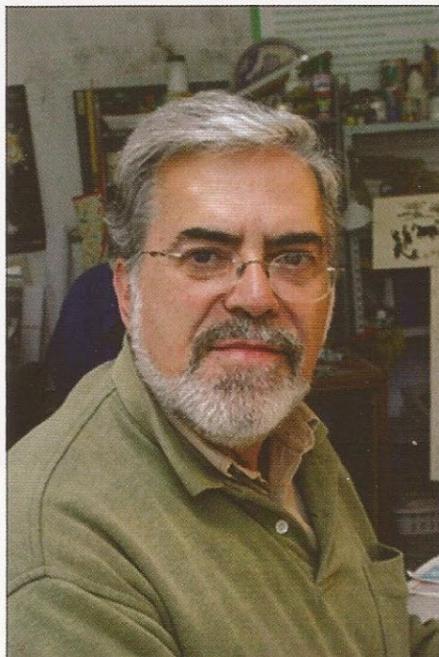


# José Freire

É um artista inovador na arte de alicatar o azulejo, talvez o único a nível mundial, e que produz com muita regularidade peças, já que trabalha todos os dias. Esta arte que há décadas estava praticamente esquecida, recomeça a ser reconhecida através das múltiplas exposições de José Freire, e agora presente na Adega Cooperativa do Algarve, em Lagoa, fazendo parte da ARTE ALGARVE OPEN II



A Adega Cooperativa do Algarve, em Lagoa, foi o cenário escolhido para a realização da ARTE ALGARVE OPEN II, exposição inaugurada no dia 8 de Outubro e que estará patente até ao Natal. A mostra inclui pinturas e esculturas de 36 artistas internacionais, a maior parte deles residentes na região há vários anos, entre os quais se encontrava José Freire, um beirão já habituado a participar em eventos desta natureza com as suas obras feitas em azulejo alicatado. "Exponho no Algarve com uma certa regularidade, nomeadamente nas feiras organizadas pela «Arte Algarve», e fui convidado mais uma vez para fazer parte do

leque de artistas, até porque a arte a que me dedico é muito rara. Aliás, penso ser o único a trabalhar o azulejo desta forma em Portugal", indica.

Para os menos entendidos na matéria, José Freire explica que repescou várias técnicas antigas de trabalhar o azulejo através de instrumentos de corte, tendo-se decidido pelo alicate, daí o alicatado. No entanto, só assumiu a sua faceta de artista após se ter reformado, embora já tivesse este gostinho há muito tempo. "Quando ainda estava no banco, já desenvolvia, meramente para ocupar os tempos livres, esta atividade e os amigos e familiares

incentivaram-me a mostrar as minhas obras ao público. O problema é que as minhas funções profissionais implicavam muita responsabilidade e exigência e o tempo era escasso", recorda o antigo diretor de um balcão do BPI.

Consumada a passagem à reforma, José Freire não quis baixar os braços e o ritmo do seu quotidiano, pelo que começou a levar mais a sério o seu hobby. "Fiz duas ou três exposições e as pessoas diziam todas que as peças eram espetaculares. Hoje, praticamente não há dia nenhum em que não faça alguma coisa", reconhece, com um sorriso, enquanto mirava uma tela de Fernando Pessoa, um dos seus cartões-de-visita. "É o meu escritor de eleição e, pelo que observo nas mostras organizadas no Algarve, onde mais de 90 por cento dos visitantes são estrangeiros, todos conhecem e adoram o Fernando Pessoa", justifica. Ora, como esses quadros têm bastante saída, José Freire deixou de retratar apenas em azulejo a preto e branco e introduziu a cor, opção que tem sido bem acolhida.

Tratando-se de materiais dispendiosos, o entrevistado reconhece que o valor a que vende as suas obras não compensam o trabalho despendido, mas também não pode fugir muito aos preços que são praticados no mercado. "A minha rotina no atelié depende. Há alturas em que começo de manhã, vou comendo qualquer coisa durante o dia e vou até às três, quatro horas da madrugada. A média é, todavia, oito a 10 horas por dia", conta José Freire, adiantando que uma das suas últimas obras demorou cerca de três meses a completar. "Em jeito de comparação, o artista que está ao meu lado dis-



se-me que, normalmente, faz três, quatro quadros por semana. Não sei quantas horas seguidas é que ele costuma trabalhar".

O dinheiro não é, contudo, o que move José Freire, olhando para a arte como uma verdadeira terapia, pelo que não entende que os 35 anos que esteve no setor bancário foram perdidos. "A fama não me preocupa absolutamente nada", garante. Quanto ao local eleito para acolher a exposição, julga ter sido uma belíssima ideia a reconversão de uma área da Adega Cooperativa de Lagoa numa galeria de arte. "A amplitude do espaço, a facilidade de movimento, a originalidade de local, são espetaculares e os visitantes aderiram em massa. Só penso que a parte comercial da venda de vinho está demasiado presente, mas é compreensível. Há por aí tantos sítios bons, com boa localização, sem qualquer utilização, a ficarem degradados, que se podiam recuperar com um pequeno investimento e colocar ao dis-

por de vários ofícios", aconselha ainda José Freire.

Com a presente exposição a prolongar-se até ao Natal, o beirão já tem mais três datas marcadas para 2012, na Lousa, em Niza e no Algarve, e outras em perspectiva, mas a crise também está a influenciar a organização de eventos de arte. "As câmaras municipais estão-se a conter um bocadinho mais e a tentar perceber o que isto vai dar", observa, o que não o impede de continuar a dar azo à sua veia criativa. "As peças vão-se vendendo, apesar de nunca ir para uma exposição com esse objetivo em mente. A minha vontade é mostrar o trabalho e até tenho pena quando me levam algumas obras", confessa □

